

MONARQUIA

ÓRGÃO DA CHEFIA GERAL PATRIANOVISTA

ANO XI

Sem Rei não há UNIÃO NACIONAL

N.º 56

São Paulo, Julho-Setembro de 1965

Director — A. VEIGA DOS SANTOS

Gerente — Olívio OROSÇO

Redactor-Chefe — José de OLIVEIRA PINHO

PREVER PRESERVANDO, REVER APERFEIÇOANDO, ATUALIZAR CONSERVANDO.

... Por ser a atual República dos Estados Unidos do Brasil uma deformação do Brasil autêntico, promovida e imposta à nossa Pátria, Improvisadamente, em 24 de fevereiro de 1891, sob a utópica e espúria teoria — "do povo, pelo povo e para o povo" — em nada condizente com a Orgânica Nacional do Brasil que é a nossa legitimidade, legitimidade de povo de formação e índole de grandeza Imperial — e não restrita aos compartimentos estanques de "estados" (republichetas associadas), unguidas de uma fantasmagoria de "direitos dos homens" coisadas na França sob o calor da revolução e da "Reforma" luterana, a ORGÂNICA, na sua essência filosófica, terá que ser uma fotografia do Brasil e do Estado Brasileiro nos tempos modernos (sem retoques, despida de "montagens" postíças, sem incômodos espartilhos ou cataplasmas constitucionais), deixando, outrossim, de ser uma simples regulamentação de determinado sistema político a vigir "constitucionalissimamente", vigência essa, aliás, efêmera, como efêmeras têm sido as várias constituições escritas para o Brasil (e contra os brasileiros) em fases de grandes convulsões políticas ou desacerdos sociais. A ORGÂNICA, repetimos, seria, assim, o Evangelho do Antigo e Novo Testamento, a escritura de sua formação, do passado experiente de um povo, e a adaptação de sua vida atual, assegurando e prevenindo o futuro, prevenindo sua ordem jurídica e mantendo perenemente sua segurança pública. Oposta à ORGÂNICA, é a Constituição, que é sempre imposta sob o princípio — "Constituição dura sed imponenta est", a qual traz em seu bojo os fermentos das revoluções desprogramadas, quando não mazoreas intrigadas por políticos caudilhescos, a Constituição tornou-se, no Brasil, via de regra, uma espécie de "Sagrado Alcorão", ao qual tudo se atribui, deformando tradições e costumes seculares e até proibindo totalitariamente que se pense contra a república e a federação, paradoxalmente sustentada por "conservadores", por "liberais" e por "revolucionários", numa espécie de conúbio de Lúclifer com as onze mil virgens...

Ela tudo quanto numa restauração, numa reforma de base para correção de costumes, para atingirmos a cúpula, preconizamos para que uma revolução não se perca no afã único de mudar os homens, perseguindo apenas os adversários; reafirmando seu conceito jurídico, devemos antes cogitar de programar a revolução pacífica, para que as reformas não se transformem em novos e perigosos assaltos no escuro... fermentando ódios e vindictas futuras!

Sendo a nossa afirmação máxima "que todo poder emana de Deus" — (e não do povo), "povo" este somente existente na abstração eleitoralista, pois Deus, na Sua Omnipotência, criou a

sociedade com base na família, cujo patriarca recebeu o poder das leis divinas, e não do "povo", do "eleitor", nem do "golpe"... à família e à sociedade, deu-lhes um chefe vitalício, nato, como deu às Nações um líder ou um monarca para ser pai de todos, magistrado supremo, e não "papal" só de alguns e padrao de todos...

Isto posto, não há dúvida que "revolucionar" para confundir mais ainda é anarquizar; mudar os homens sem mudar o regime, jogar de novo com as mesmas regras viciadas (o que a república vem fazendo desde 1889 sem que nunca conseguisse estabilizar uma obra sequer), é cegar os olhos da Nação com promessas falaciosas, imposturas mancheterias da imprensa com repetição de "slogans" surrადissimos e inautênticos, não conseguindo cumprir um programa sequer ou consolidar uma instituição, terminando de vez a obra encetada.

A República, alimentando-se de "revoluções" e "eleições" periódicas repetidas sob a mentira de mudança de homens no poder (como se tal bastasse para corrigir o sistema), mantém e acoroça os vícios do processo administrativo, tornando-o pior; êsse rodizio de homens e rotação de partidos no poder somente empobrece e desfigura a Nação, desacreditando o erário, comprometendo o futuro, desorganizando as obras já iniciadas, confundindo, esmorecendo o patriotismo, desanimando o trabalho, atentando contra direitos já consolidados, falseando a verdade, servindo a grupos em detrimento da totalidade, criando facções em luta perene pelo poder, selecionando negativamente e dando poder inautêntico a atrevidos e mediocres... É como se fôssemos repetir aquela célebre frase do "Neto de Marco Aurélio" (D. Pedro II) — "estou cansado de carregar nas costas maus governos" (mudanças intempestivas de gabinetes). Mas, na realidade, para nós brasileiros que somos historicamente e natamente um povo monárquico, a república não passa de uma usurpação do poder a curto ou longo prazo, uma deslavada mentira, em suma, uma verdadeira obra de Satã!

Jeronymo Ricardo de MATTOS

CAMARADAGEM...

Já se fala, mesmo, em conceder anistia aos políticos e militares punidos pela Revolução. Se isto se der, antes de ter a Revolução atingido os seus intuítos políticos, em plena fase de expurgo e apuração de responsabilidades, a Nação estará desmoralizada perante a comunidade internacional e abalada na sua estrutura institucional. De duas, uma: ou a Revolução foi uma necessidade, e as punições são corolário natural do movimento; ou foi apenas um "changer de places", e jamais deveria ter sido deflagrada. Perdoar é humano e cristão; mas anistiar, por um falso sentimento de coleguismo ou piedade política, é revelar-se indigno do poder assumido em circunstâncias dramáticas.

FRANCISCO LUIS RIBEIRO

"Diário de S. P.", 2-8-64.

RUI BARBOSA CONTRA A TAL

Entre nós, foi (A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA) como um espectáculo, uma surpresa, um sonho, passado fora da Nação a que o sr. Aristides Lobo confessou que ela assistiu "bestificada" e para a qual se continuou a portar com a mesma indiferença. Ninguém podia antever a durabilidade de instituições criadas por uma revolta de balonetas e recebidas pela Nação com essa glacialidade... Nós contávamos sessenta anos de Ordem constitucional com a MONARQUIA e dela variáramos súbitamente para uma novidade que não tinha A MENOR RADÍCULA na história, ou no temperamento nacional (Discurso em Campinas, 1909). — Isso diz Rui, que deu forma jurídica "norteamericana" ao mostrenço nascido pela felonía de uma traição armada, república sem a mínima raizinha em nossa História e temperamento nacional. Continuarão, porém, os néscios e os falsários historicos a falar em "tradição republicana", e prosseguirá nas escolas primárias, médias e universitárias, a mentira oficial de república proclamada por todo o Exército, toda a Marinha, e... o coitado da vítima — o Povo Brasileiro que está apanhando até hoje pelo mal que não fez, nem quis fazer.

O NOSSO ENDERÉÇO
EM VIRTUDE DAS NOSSAS DIFICULDADES
COM CAIXAS POSTAIS, TEREMOS POR ENDE-
RÉÇO, ATÉ POSTERIOR AVISO, O SEGUINTE:
Rua Capitão-Mor Jerônimo Leitão, 108, sobreloja.
S. Paulo (1) — Brasil

A DISPERSÃO REPUBLICANA

O primeiro governo civil flutuou entre o temor da espada, a crise econômica e a insatisfação geral. O seguinte presidente soube instaurar de fato a chamada "política dos governadores", através da qual os seus sucessores foram eleitos e sustentados, até o último deles, derrubado em 1930, com a única revolução mais geral que tivemos.

Foi isto a consagração do sistema federativo entre nós. Quarenta anos de DESORGANIZAÇÃO E IMPROBIDADE ADMINISTRATIVA, DE ARBITRÁRIA INVASÃO E DE PERMANENTE CONFUSÃO DOS PODERES CONSTITUCIONAIS, DE CULTO A INCOMPETÊNCIA, DE EXCESSOS ESTADUALISTAS, DE PLATAFORMAS SALVACIONISTAS DE QUATRO EM QUATRO ANOS, DE DESORIENTAÇÃO FINANCEIRA E EDUCATIVA, DE REFORMISMOS ESTEREIS, DE DESORDENS MILITARES REPETIDAS, DE FRAUDES ELEITORAIS, DE ANULAÇÕES DO LEGISLATIVO E DO JUDICIÁRIO, DE INCONSTANCIAS NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS, — eis a que se reduz essa história do Brasil republicano. (Grifos de "Monarquia").

As poucas compensações que em seu favor podem ser arroladas, como é de justiça, tiveram origens meramente ocasionais. É o caso, por exemplo, das soluções conseguidas pelo Barão do Rio Branco para os nossos problemas de fixação de fronteiras.

Caracterizou-se nesse período, portanto, a dispersão generalizada que para ele assinalamos. PERDERAM-SE RUMOS QUE ERAM TRADICIONALMENTE NOSSOS. AS IMPROVISAÇÕES PASSARAM A SER A REGRA. A todos os prejuízos sofridos pela nacionalidade com essa diversificação de rumos, presidiu, como mais alto factor, o sistema federal, ASSIM RESPONSABILIZÁVEL POR UMA EVIDENTE DECADÊNCIA BRASILEIRA NESSE ASPECTO ESSENCIAL PARA A VIDA DE UM POVO, que é o da sua conformação nacional, consolidada e definitiva.

Os inimigos da Monarquia são simultânea e implicitamente inimigos da família e da Igreja. É minando estas que acabam derrocando aquela. E às vezes viceversa.

CALENDÁRIO PATRIANOVISTA

- 1 — 9 de Janeiro — Dia da Dinastia Nacional
- 2 — 22 de Janeiro — Dia do Município (Fundação de São Vicente)
- 3 — 28 de Janeiro — Dia da Marinha Mercante Imperial
- 4 — 22 de Abril — Dia dos Descobrimentos Lusíadas (Descobrimiento do Brasil)
- 5 — 3 de Maio — Dia da Santa Cruz e da Fundação de PATRIA-NOVA (AIPB)
- 6 — 13 de Maio — Dia das Dinastias Lusíadas (Dom João VI e da Unificação Nacional (Abolição da Escravatura)
- 7 — 11 de Junho — Dia da Armada Imperial
- 8 — 13 de Junho — Dia das Tradições Nacionais (Santo Antônio)
- 9 — 2 de Julho — Dia da Resistência Nacional — (Vitória de Pirajá contra as Cortes Liberais)
- 10 — 20 de Julho — Dia da Força Aérea Imperial (Santos Dumont)
- 11 — 25 de Agosto — Dia do Exército Imperial (Duque de Caxias)
- 12 — 7 de Setembro — Dia da Fundação do Império
- 13 — 13 de Setembro — Dia do Imperador (Dom Pedro III)
- 14 — 12 de Outubro — Dia da Padroeira do Brasil (N. S. da Conceição Aparecida) — Dia da Hispanidade
- 15 — 15 de Novembro — Dia dos Mortos Patrianovistas
- 16 — 2 de Dezembro — Dia dos Imperadores (Dom João VI, Dom Pedro I, Dom Pedro II, Dona Isabel I e Dom Luís I)
- 17 — 16 de Dezembro — Dia da Comunidade Lusíada (Elevação do Brasil a Reino)
- 18 — 17 de Dezembro — Dia da Unidade Imperial do Brasil (Dia dos Governadores-Gerais e Vice-Reis).

Nota — Nesta Imperial Cidade de S. Paulo de Piratininga, celebrar-se-á a 25 de Janeiro o Dia da Expansão Bandeirante. Além desse calendário geral, devem os Patrianovistas em cada Província ou Município celebrar as datas especiais da sua particular história dentro da Unidade Imperial do Brasil.

Chefia Geral

Como último período da evolução brasileira, a República aparece como uma força antes desorganizadora que convenientemente reformadora. Não tendo aparecido por um movimento de opinião, como a Abolição, por exemplo, não soube se adaptar às condições peculiares da nacionalidade, logo entrando na aplicação da fórmula que a ela mais inconveniente havia de ser, a federação dos Estados.

Não atendeu à situação mais do que precária do desenvolvimento de diversos deles. Estabeleceu uma igualdade teórica, que cedo redundaria na mais completa injustiça, criando primazias e tutelas incabíveis. Não aproveitou a ocasião para distribuir mais equitativamente as suas áreas, nem soube dirigir em um só sentido, nacional, a força que todos representavam.

Tendo destruído os partidos tradicionais, com o colapso da opinião que foi a ditadura floriantesca, teve de cair a República na pasmeira política oficial, dos partidos estaduais que se pactuam nas partilhas quadriennais do poder federal, logo tornado um privilégio dos situacionismos dos grandes Estados.

Mas não é preciso que se esmiúcem todas as características da história republicana, conseqüências desse ERRO ESSENCIAL (grifo nosso) que foi a apressada disibuição do poder por unidades federativas que o não podiam exercer. De uma absurda ditadura militar, onde o ministério manobrava, entre dissídios internos, com o chefe do governo, continuou-se, em pleno ensilamento, com uma verdadeira transferência dos poderes desse primeiro presidente para as habilidades de um político. Por um pronunciamento militar mudou-se o fraco marechal, tido como proclamador do regime, por outro caindo o país sob o arbítrio absoluto de um homem estranho, cercado de horrível camarilha, que conseguiu realizar a incrível empresa de consolidar as instituições mediante a sua cabal desmoralização.

HELIO VIANNA
Formação Brasileira, 1935

APRECIA ESTE JORNAL? ELE NÃO VIVE DE VENTO. COMPRE O LIVRO "IDEIAS QUE MARCHAM NO SILÊNCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS, E AJUDARÁ A MANTÊ-LO.

DUAS DEFINIÇÕES

I. REPÚBLICA

República é o regimen no qual todo um povo escravo trabalha para sustentar um funcionalismo público (acrescentado dos "representantes" ... do povo!) que vai sempre aumentando depois de cada uma das infundadas eleições caríssimas, criminosas e esbanjadoras (investimentos...), até chegar o desespero de uma revolução e uma ditadura "republicana", que afinal se esgota para dar lugar a "nova" república democrática, a qual recomeça sempre o mesmo processo anterior finalizando em nova ditadura republicana inevitável, rematada em outra "novíssima" república.

"Divertida" palhaçada, à nossa custa, não acham? E assim se ordena e progride a pobre Pátria que se deixou engambelar pela utopia lunática mais estúpida existente sobre a face da terra.

II. DEMOCRACIA

Democracia é o regimen em que o povo tem toda a liberdade de fazer tudo quanto os donos da democracia querem... em nome do povo "soberano", inclusive pagar todos os aumentos de taxas, impostos e subsídios que eles determinam às vezes na calada da noite...

E os donos da democracia são (além dos "secretos", mais poderosos) os que têm dinheiro do tesouro, ou roubado ou "emprestado" por alguém, os que manobram os "partidos", os grupos de exploradores sem pátria, os funcionários públicos "encostados" e a multidão de cabos eleitorais cujo meio de vida são as eleições: quanto mais eleições, melhor para eles! Porque as eleições são o mercado da exploração capitalista, isto é dos democráticos liberais, dos democráticos comunistas (às vezes vestidos de socialistas) e dos democráticos simplesmente ladrões.

(Em Ideias que marcham no silêncio)
Arlindo VEIGA DOS SANTOS
Chefe Geral Patrianovista

LIBERDADE ANTIGA — DESPOTISMO MODERNO

É impossível obter uma representação política esclarecida, competente, responsável, se não nos decidirmos a substituir o sufrágio inorgânico — base desse parlamentarismo que por toda a parte expira no ridículo e na impotência — pelo sufrágio profissional e corporativo.

Considerando o homem fora do espaço e do tempo, desligado da sociedade, a Revolução Francesa semeou nos espíritos o gosto da indisciplina, da revolta e da anarquia. Foram rotos todos os laços que uniam os homens, dispersos os agrupamentos mais naturais e espontâneos, como são os que formam a comunidade dos interesses. Perverteu-se desta sorte, como nota Le Play, o sentido intelectual e moral das nações, fazendo acreditar que a liberdade alvoreceu em 1789, quando, quanto mais se observa e estuda a História, se chega à conclusão de que essa data só inicia a época do enfraquecimento e da diminuição gradual da liberdade.

Bem se pôde dizer: A LIBERDADE É ANTIGA: O DESPOTISMO É QUE É MODERNO.

Thierry, o operoso reformador dos estudos históricos no começo do século passado, que Herculano tanto venerou, não temeu afirmar, quando ainda os Doutores da Reforma, da Enciclopédia e da Revolução livremente andavam pelas sombras da História a conspirar contra a verdade, que à volta do século XI já as classes populares tinham conquistado as suas liberdades e delas gozavam amplamente. Il y a des ordonnances royales qui dépassent, sur certains points — ensinava ele — les garanties modernes de la monarchie constitutionnelle. Já antes havia escrito: Il n'y a point, chez nous, de droits de fraîche date: notre génération doit tous les siens au courage des générations qui l'ont précédée. E o insuspeito Victor Duruy esclareceu: Nulle taxe ne pouvait être exigée sans le consentement des contribuables; nulle loi n'était acceptée par ceux qui lui devalent obéissance; nulle sentence légitime, si elle n'était rendue par les pairs de l'accusé.

E de nós, quem não abraça o lato significado da alta resposta do vereador de Évora?

Fôra que, "por conselho e parecer de letrados", o venturoso rei Manuel agravara certo imposto, mal tomado (recebido) por toda a parte. Mais que as outras terras, era Évora rebelde ao pagamento. Mandou El-Rei chamar João Mendes Cicioso, vereador e homem notável da cidade, e disse-lhe agradeceria querer ser êle da opinião dos que julgavam necessário o imposto. E Damião de Góis, dando relação desse encontro, conta que o vereador respondera a EL-REI, depois de muitas aliterações: "Senhor, eu não tenho necessidade de vossas mercês, posto que mas ofereçais, porque meu pai me deixou duzentos e cinquenta mil reais de renda patrimonial de que me mantenho honradamente, os quais me não podereis tirar com razão, e posto que vos tomar quisésseis nem por isso hei-de deixar de vos dizer a verdade, a qual é que tal imposto vós o não podeis pôr sobre vosso povo com razão, nem justiça, e os que vos tal coisa aconselham, não são amigos de vossa alma, nem da vossa honra" (Aqui entre nós brasileiros: Compare-se isso com a nossa situação em face do Presidente e os seus "doutos" maus conselheiros!...).

Bem entendeu El-Rei que João Mendes respondera o que devia, e, agradecendo-lhe o bom conselho, acrescentou "QUE DE TAIS HOMENS COMO ELE QUISERA TER SEMPRE A PAR DE SI, PARA VERDADEIRAMENTE LHE DIZEREM O QUE CUMPRIA AO BOM GOVERNO E ORDEN DE SEU REINO".

Já nas Cortes de 1263 se afirmou que o LANÇAMENTO DE UM TRIBUTO GERAL SOBRE A PROPRIEDADE ERA, NÃO DIREITO DO REI, MAS CONCESSÃO DO PAIS (Compare-se com a tal "reforma agrária" imposta a nós... tirânica e estupidamente!)

Correrá antes a notícia de que Afonso III mandara cunhar moeda nova; logo, sem tardar, CLERO, NOBREZA e POVO alegaram que o rei nec de jure nec de consuetudine hoc facere poterat, nec debendam. E os Três Estados concluíam por pedir-lhe que convocasse Cortes, para nelas se decidir a questão.

(Compare-se com a nossa miserável situação em que o governo e os seus "cumpinchas" vão impondo a torto e a direito, ou, melhor, SÓ A TORTO, tudo o que bem entendem... ou não entendem, prejudicando indivíduos, indústrias, lavouras, profissões, todo o mundo afinal).

Para Vasco da Gama poder usar o título de Conde de Vidigueira, com que fôra premiado pela gloriosa viagem à Índia, tornou-se necessário que, primeiramente, o povo da vila, pela boca dos seus vereadores, declarasse aceitar o senhorio do grande capitão. Só depois de sancionada pela vontade popular tinha valia a graça regia.

Anatole France, ao acender a fogueira em que os inimigos da França outra vez viram queimar Joana d'Arc, deixou cair da pena esta fulgurante verdade: "OS OPERÁRIOS DA IDADE MÉDIA ERAM MAIS LIVRES DO QUE OS DE AGORA".

Ainda em nossos dias o país inteiro se agitou e afilligiu no desejo de conseguir o descanso semanal, com a exaltação de quem parte à conquista de uma regalia nova. E no entanto, já em 14 de agosto de 1285, no mesmo dia em que o exército castelhano era vencido em Aljubarrota, se reuniam nos paços do concelho de Lisboa o corregedor, juizes, regedores, os procuradores do concelho e os procuradores dos bons homens dos mesteres, e entre outras coisas ordenavam e estabeleciam que "não se

faça alguma obra defesa (proibida) por direito canônico, desde o sábado à noite até à noite em que se acaba o dia do domingo". E em 1401 a Câmara do Porto acordava também "que os Mestres da mesma cidade não fizessem obra alguma desde o sábado ao Sol posto, até a segunda-feira, Sol saído".

Além de todos os domingos, no arcebispado de Braga as Constituições sinodais de 1639 impunham 40 dias santos de preceito; as do Porto, de 1687, 41; e as de Lisboa, de 1640, mandavam guardar 40 dias no ano. Eram assim, com 56 domingos, cerca de cem dias anualmente, às vezes 7, 8 e 9 por mês, em que cessava todo o trabalho e obra servil. (Note-se que as Ordenações do Reino se aplicaram no Brasil totalmente até 1824 e parcialmente até 1917 — "Monarquia").

A decantada lei das 8 horas de trabalho diário não aliviou em nada o operário. Tendo agora apenas um dia por semana para descanso, o operário trabalha hoje mais horas no ano do que no antigo regimen corporativo.

Dantes havia aproximadamente 260 dias úteis ao ano, cuja duração variava de sete a doze horas, regulada só pela luz do sol. Cada dia de trabalho era cortado no inverno por duas refeições e por três no verão: uma para o almoço; outra para o jantar e para a sesta; e outra para a merenda. Todos os sábados, e na vigília das festas religiosas, isto é, perto de cem vezes no ano, o trabalho parava às 3 horas da tarde, logo que o sino da igreja tancia a véspera, o que dava uma folga de mais de 300 horas. Podemos assim dizer que um operário, sob o antigo regimen, trabalhava anualmente cerca de 2.000 horas, e hoje trabalha mais de 2.400, ou em números certos, relativos ao ano de 1931 — 2.480!

Certeiramente disse o fiel Ribeiro Saraiva: "A Liberdade moderna em Portugal, principalmente da Carta, (Saraiva escrevia em 1842) poderia, propriamente, chamar-se A Liberdade às avessas.

Os direitos escritos do homem novo de 89 não valem as liberdades úteis dos homens antigos. Desvenda o segredo a lapidar sentença de Tácito: Plus ibi boni mores valent quam alibi bonae leges.

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis.

repetia por sua vez o nosso bom Sá de Miranda.

Em 1903 o socialista Kautsky observava que em país algum se fizera verter tanto sangue de operário como na República Francesa. E quando no congresso de Amesterdão, no ano seguinte, Jaurès pretendia defender a República, Bebel replicou-lhe que a REPUBLICA ERA UM GOVERNO DE CLASSE E O PROLETARIADO TERIA VANTAGEM EM PREFERIR A MONARQUIA. Então Guesde, o verdadeiro organizador do socialismo gaulês, aplaudindo-o, acrescentou que A REPUBLICA NADA FIZERA PELO OPERÁRIO, que A REPUBLICA É O PIOR DOS GOVERNOS.

Por esse tempo o parlamento francês tinha em estudo um projecto de retraites ouvrières (aposentadorias operárias), e Guesde sustentava que semelhante projecto não concedia aos operários do seu país a décima parte dos benefícios que a MONARQUIA dos Hohenzollern distribuíra aos trabalhadores alemães.

Hanotaux, estudando as relações entre a Democracia e o Trabalho, mostrou através de cerrada fileira de números que as providências legislativas votadas pelo parlamento francês em favor dos operários, entre 1889 e 1914, lhes foram mais prejudiciais que úteis. As paredes frequentes, os salários sem aumento real, os conflitos de trabalho multiplicados — tal seria o balanço do esforço realizado durante esse quarto de século.

Luis de ALMEIDA BRAGA (Paixão e Graça da Terra, Civilização Brasileira Editora)

MONARQUIA — O MELHOR GOVERNO!

"Não há dúvida alguma de que a Monarquia é ainda para o Brasil o melhor dos governos; foi um grande erro a República para o Brasil".

Foram essas as palavras ditas por GETÚLIO VARGAS no Palácio do Grão-Pará em Petrópolis, reproduzidas fielmente na Tribuna de Petrópolis, em 15.8.1951.

Leia: FILOSOFIA POLITICA DE S.to TOMAS DE AQUINO, IDEIAS QUE MARCHAM NO SILENCIO e VARIA MATERIA, de A. VEIGA DOS SANTOS.

Attention! This is our new address: Cap. Mor Jerônimo Leitão, 108. — S. Paulo (1). Brazil.

Uma Nação se regenera somente voltando aos princípios que a crearam. O Brasil "é" Monarquia tradicional e fundamentalmente.

PENA DE MORTE

Fui, em minha mocidade, adversário pugnaz da pena de morte. Alimentavam a minha juventude os entusiasmos pelo determinismo, de tal forma que eu não podia compreender que se punisse com a morte alguém, e q'os actos, embora criminosos, lhe eram impostos por um determinismo, a que elle não podia fugir.

Com o passar dos anos e uma longa experiência da vida fui ficando impressionado com a frequência, cada vez maior, de crimes monstruosos, cujos autores, condenados a alguns anos de prisão, conseguem, após algum tempo, a liberdade para recommencarem as suas tropelias e monstruosidades.

Sem dúvida não são indivíduos normaes, de tal forma que a prisão não lhes corrigiu a periculosidade. Mas a Sociedade vive exposta ás suas façanhas e corre sempre o risco de sua repetição.

Nestes últimos tempos crimes horrorosos foram cometidos no Rio e em Niterói.

Em Niterói, um desalmado incendiou um circo provocando a morte de cerca de 300 pessoas e ferimentos de várias centenas.

No Rio, dois indivíduos mataram toda uma familia, tendo um delles levado o requinte de perversidade a estrangular duas pequenas crianças, tudo isso para roubar.

Em ambos os casos a opinião pública ficou profundamente abalada.

E daí? Que castigo legal receberão esses criminosos? Uma prisão que ira no máximo a 30 anos, se os advogados não encontrarem meios de apontar-lhes atenuantes... São todos eles jovens. Dentro de 15 anos, podem obter a liberdade condicional e voltarão para o seio da Sociedade, que eles tão gravemente ofenderam e onde, diante da repulsa que seus nomes despertarão, voltarão para a senda do crime.

Não seria melhor eliminá-los com a pena de morte? Neste sentido se esboça no Congresso um movimento de opinião em favor dessa pena.

São tantas as razões que hoje a justificam que acredito que a idéa vencerá, a despeito do tradicional sentimentalismo do público brasileiro.

E precisamente invocando esse sentimentalismo que, em face da natureza do crime cometido, todos sentem que é preciso pôr um paradeliro á onda de crimes revoltantes, que se vêm tornando tão frequentes entre nós.

Maurício de MEDEIROS
(Da Academia Brasileira de Letras)
Em "A Gazeta", 26-2-1962

Nota de "Monarquia" — Não é o "tradicional sentimentalismo do público brasileiro" que repele a pena de morte. Muito pelo contrário é o que se ouve a favor da força e, até mesmo, de morte lenta e crumamente dolorosa. É isso o que o nosso público em maioria pede contra os criminosos sádicos, como verdadeira pena do talião. São os teóricos melosos, geralmente sectários de grupos de malfeteiros secretos, que mostram repugnância (ao menos aparente e em público) contra a pena de morte. Quando, porém, dominam exclusivos o campo político, decretam assassinio drástico dos seus inimigos, torturas e paredão. É a hipocrisia dos canalhas, o embuste das raposas. São esses os teóricos velhacos que, proclamando "complexos" em toda parte, destroem a disciplina nas escolas, nos grupos, em toda a sociedade. São esses os tais que, em nome da "liberté, égalité, fraternité", crearam a indisciplina nas forças armadas no fim do Império, mas, vinda a república, agiram completamente ao inverso da attitude em face do Governo Imperial, brasileiro e nacionalista autêntico, para manter a todó preço a paranoia falsa importada em 1889.

Para a extinção do dominio do crime, não há solução em regimens falsificados e estrangeiros como esse que está aí, totalitariamente impósto á nossa Imperial Nação. Ele próprio já é o maior criminoso contra os brasileiros, contra todos os brasileiros. É totalmente alheio e infenso áquilo que se chama cristã e nacionalmente JUSTIÇA.

Não haverá pena de morte enquanto houver república no Brasil. Só se fór para matar os verdadeiros patriotas e defender os calabares.

O nosso problema, hoje, é o clássico: o das FORMAS DE GOVERNO. Precisamos de uma "reforma de cúpula": como organizar o govêrno, de modo a serem seus membros realmente escolhidos de acôrdo com critérios racionais? — João Camillo de OLIVEIRA TORRES.

Sindicalismo e Democracia (liberal) são dois polos opostos, que se excluem e neutralizam. Os sindicatos são organismos absolutamente anti-democráticos, pelo próprio facto de serem corpos sociais e agrupamentos seleccionados. Enquanto numa sociedade democrática não contam senão os indivíduos, sem se conhecer das suas occupaões, no sindicato juntam-se profissionais de determinado officio, e, apartados assim, têm ainda dentro d'êles situações desiguais, segundo o seu valor próprio, adquirindo influencia proporcional á sua actividade e á sua energia. — Luiz de Almeida Braga.

RESTAURAÇÃO DA IGREJA MATRIZ DA CIDADE DE GUARULHOS SP

No próximo número daremos informação da obra restauradora sábia e prudente d'esse templo, levada a effeito pelo zelo cristão e patriótico do Rvmo. Vigário Sr. Pe. Geraldo Penteado de Queiroz CMF.

Vale a pena conhecê-la.

SABEDORIA DA VIDA, SABEDORIA DA MORTE

Foram estas as últimas palavras escritas pelo ex-Presidente Artur Bernardes, antes de morrer:

"O fim do homem é Deus, para o qual devemos, preferentemente, viver. Eu, porém, vivi mais para a pátria, esquecendo-me d'êlle. A Ele devemos conta do uso que aqui fazemos de nossa vida, e eu a tive longa. Recesso de não poder resgatar a minha falta no pouco tempo que me resta, apesar de Sua infinita misericórdia, peço aos meus amigos, correligionários e brasileiros de boa vontade, que me ajudem a supri-la com sua prece" (Arquivo de Arthur Bernardes, citado em "Bernardes, o estadista de Minas na República", de Paulo Amora).

Consiste a sabedoria da vida em viver por Deus e para Deus no próprio estado em que militamos neste mundo. Em todos os estados se santificam as almas, sendo todos êles meios de realizarmos integralmente a nossa vocação. Imensas as oportunidades no campo da Política, para quem possui verdadeira e autêntica vocação. Por isso, é a sabedoria da vida a encaminhadora da sabedoria da morte. Na política, especialmente quando se é Rei ou Chefe, se tem a possibilidade do máximo mérito ou do máximo demérito. Servir a Pátria, servir o bem commum, especialmente de uma Nação numerosa como a Brasileira, é enorme responsabilidade: pode-se obter immenso prêmio ou immenso castigo. Não se pode servir BEM a pátria, sem servir BEM a Deus.

Olvida isso o naturalismo feroz d'estes insanos tempos modernos. Daí a malvades incrível dos nossos governos corruptos, egoistas, sibaritas, ávidos de lucros, de ganhos, de prazeres, promotores de criminosas traições e favoritismos, permitindo a miséria da maioria do povo, o desespero dos pequenos, abandonando a multidão dos injustiçados, peccado gravissimo! Nem pensam, todavia, nesses verdadeiros crimes esses malvados falsos reis democráticos ou, antes, demonocráticos.

Apresenta-nos a Igreja muitos Reis santos, muitas Rainhas santas. Foram felicidade, alegria, paz e grandeza para os seus povos. Foi cuidaram do bem terreno e do bem celestial dos seus súbditos.

Sirva o "receito" do patriota Artur Bernardes, nacionalista autêntico, homem dos mais rectos num regimen incorrecto como a república do Brasil, de advertência aos tantos que tamanho mal vêm causando ao bem temporal e espiritual da Nação Brasileira, nesta calamitosa época de malicia, avareza e impiedade.

Penitenciem-se os malvados torturadores de nosso Povo bom e resignado.

Idéias que marcham no silêncio — Vária
Materia — Livros de A. Veiga dos Santos. Pedidos á nossa Gerência.

A ORIGINALIDADE BRASILEIRA NA AMÉRICA

A Originalidade Brasileira na América é a MONARQUIA, o IMPÉRIO. Tudo mais é arremêdo, falsificação, ignorância histórica de ineptos, de ignorantes da Sociologia e da Política, para nos desnacionalizar, desmoralizar, enfraquecer, infelicitar, anular e destruir, numa renúncia estúpida e num entreguismo traidor em face a potências internacionais predatórias. Precisamos reagir contra esse "kismetismo" encomendado.

Attention! Voici notre nouvelle adresse: Cap. Mor Jerônimo Leitão, 108. — S. Paulo (1) . Brésil.

NÃO CONSULTE CHARLATAES EM POLITICA, LEIA "IDEIAS QUE MARCHAM NO SILENCIO", DE A. VEIGA DOS SANTOS. — Em todas as livrarias de S. Paulo.